

SOBRE A LITERATURA RUSSA EM TRADUÇÃO NO BRASIL: ENTREVISTA COM DENISE REGINA DE SALES¹

ON RUSSIAN LITERATURE TRANSLATED IN BRAZIL: AN INTERVIEW WITH DENISE REGINA DE SALES



Entrevista concedida a

Sinara de Oliveira BRANCO
Professora Associada
Universidade Federal de Campina Grande
Unidade Acadêmica de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino
Campina Grande, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6023441911258549>
<https://orcid.org/0000-0003-2739-2254>
sinarabranco@gmail.com

Célia Maria MAGALHÃES
Professora Titular
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0521652763515055>
<https://orcid.org/0000-0002-8494-6084>
celiamag@gmail.com

1

Resumo: Apresentamos uma entrevista com Denise Regina de Sales, professora, pesquisadora e tradutora cujo repertório de traduções do russo ao português incluem obras de autores renomados, tais como: Fiódor Dostoiévski, Anton Tchêkhov e Ivan Turguêniev. Além das obras desses autores, seu repertório inclui ainda traduções de escritores como Mikhail Zóchtchenko, Vladímir Voinóvitch, Valentin Katáiev, Aleksandr Grinevsky e Varlam Chalámov, as duas últimas em parceria com Graziela Schneider e Elena Vasilevich, respectivamente. Entre suas traduções do russo, figura ainda *A revolução das mulheres*, volume organizado por Graziela Schneider com artigos, atas, panfletos e ensaios escritos por autoras russo-soviéticas sobre a emancipação e a condição das mulheres. Do português ao russo, Denise Regina de Sales traduziu, em parceria com Elena Vasilevich, o conto “O mate do João Cardoso”, de Simões Lopes Neto. No momento, realiza a tradução, a partir do russo, de trechos de uma novela de Galina Keptuké (1951-2019), escritora e tradutora cuja língua pertence ao ramo tungúsico da família altaica, falada pelos evenques, povo nômade que vive no Norte da Ásia, na região fronteira da Rússia, China e Mongólia. A entrevista nos foi concedida por e-mail de junho a agosto de 2020 e aborda questões que perpassam a tradução do russo ao português. Regina nos falou também de suas experiências acadêmicas e sobre sua posição teórica no que concerne o fazer tradutório. Nosso objetivo duplo foi conhecer um pouco mais sobre as questões que envolvem o mercado de tradução das obras escritas em língua russa e seus estudos e ensino no Brasil.

Palavras-chave: Tradução literária. Literatura russa no Brasil. Entrevista.

Abstract: We hereby present an interview with Denise Regina de Sales, Senior Lecturer, researcher and translator whose repertoire of translations from Russian to Portuguese includes works by renowned authors, such as: Fiódor Dostoiévski, Anton Tchêkhov and Ivan Turguêniev. In addition to the works of these authors, her repertoire also includes translations by writers such as Mikhail Zóchtchenko, Vladímir Voinóvitch, Valentin Katáiev, Aleksandr Grinevsky and Varlam Chalámov, the latter two in partnership with Graziela Schneider and Elena Vasilevich, respectively. Among her translations from Russian, there is also *The Women's Revolution*, a volume organized by Graziela Schneider with articles, minutes, pamphlets and essays written by female Russian-Soviet authors on the emancipation and condition of women. From Portuguese to Russian, Denise Regina de Sales translated, in partnership with Elena Vasilevich, the short story “João Cardoso’s mate”, by Simões Lopes Neto. She is now



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

translating, from Russian, excerpts from a novel by Galina Keptuké (1951-2019), writer and translator whose language belongs to the Tungusic branch of the Altaic family, spoken by the Evenques, a nomadic people living in the North of Asia, in the border region of Russia, China and Mongolia. The interview was given to us by email from June to August 2020 and addresses issues that go through the translation from Russian to Portuguese. Regina also told us about her academic experiences and about her theoretical position regarding translating. Our double objective was to learn a little more about the issues surrounding the translation market for works written in Russian and their teaching and researching in Brazil.

Keywords: *Literary translation. Russian literature in Brazil. Interview.*

Entrevista concedida de 22 de junho a 28 de agosto de 2020

Denise Regina de Sales é doutora em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (USP) e trabalha atualmente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nasceu em Belo Horizonte, em 1965, e graduou-se em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1988. É especialista em Tradução para a língua inglesa pela USP. De 1996 a 1998, trabalhou na Rádio Estatal de Moscou (Voz da Rússia) como repórter, locutora e tradutora. Tem se dedicado à tradução de literatura e ensaística russas. Na pós-graduação, ministra a disciplina Tópicos em Tradução, em conjunto com Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Denise desenvolve pesquisas em Literatura Russa, Estudos da Tradução e Terminologia. Atualmente, faz estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob supervisão de Célia M. Magalhães, no Grupo de Pesquisa em Multimodalidade nos Estudos da Tradução (GPMET).

2 *1. Você publicou várias traduções de Tchekhov pela Editora 34. Como e quando você chegou a ser tradutora de literatura russa?*

Comecei a trabalhar como tradutora do inglês para o português nos anos 1990. Traduzia textos especializados e participava de projetos de localização de *software*. Depois fiz um teste na Artmed (hoje Grupo A) e, durante sete anos, traduzi livros da área médica, entre eles, em conjunto com Maria da Graça Figueiró da Silva, *Ortopedia pediátrica na prática*, de Lynn T. Staheli. Essa tradução recebeu a menção honrosa na nona edição do Prêmio União Latina/CBL de Tradução Especializada, em 2008. A prática da tradução e o interesse em aperfeiçoar meus conhecimentos teóricos me levaram ao Curso de Especialização em Tradução – Inglês, da Universidade de São Paulo (USP), no início dos anos 2000. Entre os professores, estavam Stella Tagnin, John Milton e João Azenha, nomes importantes dos Estudos da Tradução no Brasil. Em 1996, quando cursava disciplinas da graduação em russo na Universidade de São Paulo (USP), me candidatei a uma vaga de locutora e tradutora na Rádio Voz da Rússia. Morei dois

anos em Moscou, trabalhando no departamento de português. Lá conheci os bastidores de uma rádio internacional (o processo de produção das notícias pelo departamento de russo e sua tradução e transmissão para quase 50 línguas), tive contato direto com a língua e a cultura russas. De volta ao Brasil, decidi fazer o mestrado em Literatura e Cultura Russa na USP e contei com o acolhimento generoso de Noé Silva, orientador do trabalho. Seguindo a tradição de formação de tradutores iniciada por Boris Schnaiderman, os professores desenvolviam projetos com participação dos alunos em espaços de diálogo e discussão, à semelhança de oficinas de tradução literária. Nesse ambiente, Homero Freitas de Andrade organizou o livro *Os males do tabaco e outras peças em um ato*, publicado em 2001, com o objetivo de levar ao público brasileiro as peças curtas de Anton Pávlovitch Tchékhov. Nesse livro saiu a minha primeira tradução literária — “O urso”. A tradução de contos de Mikhail Zóchtchenko foi parte central do meu trabalho de mestrado, em que estudei a sátira e o humor. No doutorado, traduzi o romance *História de uma cidade*, de Mikhail Saltykov-Schedrin, e analisei os aspectos satíricos, orientada por Arlete Cavaliere. Paralelamente, comecei a traduzir para a Editora 34.

Portanto, o meu início na tradução literária está mais ligado ao curso de russo da USP e ao incentivo e à contribuição dos professores (além dos citados, Aurora Bernardini e Elena Vássina), responsáveis pela formação de um bom número de tradutores envolvidos em projetos editoriais de tradução direta do russo a partir do início dos anos 2000. Entretanto, a minha atuação não deixa de estar relacionada também ao meu percurso na tradução especializada, que antecedeu as experiências na literatura.

2. Por que Tchékhov, entre outros autores russos?

Tenho um longo percurso com Tchékhov, às vezes casual, às vezes deliberadamente escolhido. A peça “O urso”, primeiro texto dele que traduzi, foi lida, relida e refeita várias vezes, além de ter passado pela revisão dos professores até chegarmos à versão final. As sugestões de revisão buscavam manter, principalmente, as características destacadas por Homero Freitas de Andrade no prefácio: “a brevidade, a economia dos procedimentos, a linguagem despojada, a ironia, o humor e o aprofundamento psicológico das personagens”. Na apresentação dos personagens, manifestam-se já algumas dessas características. A senhora de terras Eliéna Ivánovna Popova, farsescamente construída, não é mera вдова [vdova, viúva], mas вдовушка [vdovuchka], diminutivo carinhoso traduzido como “viuvinha”, somado ao colorido complemento “com covinhas nas bochechas”.

Em 2005, um amigo, colega de mestrado, Nivaldo dos Santos, me apresentou ao editor Alberto Martins, que estava procurando tradutores para a Coleção do Leste da Editora 34. Dessa primeira conversa surgiu o projeto de tradução de contos de Nikolai Leskov e, mais tarde, das novelas de Tchékhov *Minha vida* e *Três anos*. Para a tradução das novelas, fiz a leitura e o esclarecimento de dúvidas com Elena Vasilevich, especialista em Tchékhov. Na editora, o processo de revisão foi muito cuidadoso. Na primeira novela, recebi comentários e observações de Alberto Martins e Lucas Simone; na segunda, do editor Cide Piquet e de Cecília Rosas. As conversas e trocas de mensagens por e-mail envolviam desde termos específicos de áreas especializadas até sugestões de redação de notas de rodapé, alterações estilísticas etc. Um exemplo do primeiro tipo foi a tradução de “смазчик” [smaztchik; lubrificador em dicionários russo-português]. Essa palavra aparece na novela pela primeira vez quando o personagem principal de *Minha vida*, Missail Póloznev, de origem nobre, após abandonar o nono cargo em repartições públicas, aceita o conselho da irmã e vai pedir emprego ao engenheiro Dóljikov, concessionário de um trecho de ferrovia. O engenheiro despreza a nobreza, que só sabe “sentar e escrever, mais nada!” Ele recebe Póloznev com má vontade e aproveita para se vangloriar da própria formação. “Uns vinte de vocês vêm me procurar por dia, acham que tenho um departamento! Eu tenho uma linha férrea, senhores, o trabalho aqui é pesado, preciso de mecânicos, serralheiros, cavouqueiros, carpinteiros, poceiros [...]. Eu sou engenheiro, meu senhor, sou um homem abastado, mas, antes de me darem a estrada, por muito tempo esfreguei tirantes, fui maquinista, dois anos trabalhei na Bélgica como *smaztchik*.” Esse era o grande orgulho do engenheiro: ter começado de baixo, do trabalho mais simples, e ter alcançado a posição de administrador de uma linha férrea. Levantamos várias opções — lubrificador, ferroviário, funcionário da manutenção, operário... Até que, um dia, ao fazer uma busca na internet, encontrei um processo movido por um “graxeiro” contra a Rede Ferroviária. Foi então que o Dóljikov brasileiro pôde dizer na passagem citada, e ainda em outro trecho da novela, que tinha sido “graxeiro”.

Antes das duas novelas, em 2010, comecei a traduzir *Остров Сахалин* [Ostrov Sakhalin, *A ilha de Sacalina*], que, por uma série de motivos, ficou guardada todos esses anos e deve sair agora em 2020. Este livro é bastante singular na produção de Tchékhov. São mais de 300 páginas de relato da penosa viagem que o escritor fez à Sacalina, colônia de degredo e trabalhos forçados do Império Russo, e do exaustivo trabalho de pesquisa que realizou lá. Tenho trabalhado com os textos de Tchékhov em sala de aula, nas disciplinas de literatura, em cursos de extensão, em oficinas de retradução, em cursos *online* abertos, como foi o caso de

“Leitura, análise e método: Anton Tchékhev e Liev Tolstói”, com a participação de Ítalo Zen, Olívia Barros de Freitas e Rodrigo Koch. E agora, no pós-doutorado, estou trabalhando, sob supervisão de Célia Magalhães (UFMG), na análise dos textos em russo e em português de alguns contos curtos do autor, numa interface dos Estudos da Tradução com a Semântica do Discurso.

Com todo esse relato, quero mostrar que Tchékhev cabe em todos os ambientes e não se esgota em uma única análise, em um só projeto. Por isso revisitamos suas obras e descobrimos sempre novas leituras. Uma das marcas do escritor no Ocidente é a chamada atmosfera tchekhoviana, um misto de melancolia, angústia e tédio. Pois a mesma matéria-prima que gerou essa imagem, serve para que Dmitri Bykov, escritor e crítico literário russo contemporâneo, faça uma palestra com o título “Tchékhev como antidepressivo” e afirme que “no minuto de depressão, no minuto de forte angústia da alma, nós buscamos Tchékhev e ele nos consola.” James Wood, em *Como funciona a ficção*ⁱⁱ, traduzido por Denise Bottmann, tira exemplos de Tchékhev para explicar o refinamento do estilo indireto livre, a mestria no uso de detalhes “significativamente insignificantes”, a precisão nas “pinceladas”. Segundo ele, “Bastam pouquíssimas pinceladas para, digamos, dar vida a um retrato; e — como corolário disso — o leitor pode captar personagens miúdos, efêmeros e mesmo planos tão bem quanto heróis e heroínas grandiosos, redondos e elevados.” Como exemplo, Wood cita Gúrov, personagem central do conto “A dama do cachorrinho”, “tão vívido, rico e sólido quanto Gatsby, o Hurstwood de Dreiser ou mesmo Jane Eyre”. No material de divulgação da peça *Por que não vivemos?*, encenada em 2019 pela Companhia Brasileira de Teatro, o diretor Márcio Abreu explica porque escolheu adaptar *Platonov*. “Tchekhov sempre foi para mim, desde muito cedo uma fonte de aprendizado, de expansão da linguagem, de refinamento das sensibilidades e de conexão com os movimentos do tempo”.

Tudo isso nos faz escolher Tchékhev, entre outros tantos autores russos.

3. Como você concilia, na tradução do russo para o português brasileiro, além da diversidade linguística em si, a aparente distância cultural entre as línguas e contextos?

Vou aproveitar o “aparente” porque é em cima dele que tenho construído a minha visão da relação entre as culturas brasileira e russa. No Brasil, quando falamos em Rússia, em geral, a ideia é de um local muito distante, onde faz muito frio, onde as pessoas bebem muito e falam uma língua estranha, com um alfabeto mais estranho ainda. Para uma pequena parcela da população brasileira, a Rússia é a pátria de clássicos da literatura do século XIX, de grandes

nomes da arte (pintura, balé, música clássica...), de grandes teóricos de várias áreas do conhecimento, de ativistas revolucionários. De modo bem resumido, podemos falar desses dois modos básicos de ver a Rússia. Quando colocamos a tradução nessa história, ela aparece como uma necessidade porque há algo do outro que não conseguimos entender, há um impedimento. Daí surge um mundo de distâncias e diversidades representado, no caso do russo, de modo simbólico, pelo uso de letras “espelhadas” — aspecto muito explorado visualmente no par Я (iá) e R (erre). Toda essa visão é construída na diferença, mas, na verdade, a Rússia está muito mais próxima de nós do que costumamos imaginar. Basta sairmos dos extremos para nos enxergarmos mais próximos. Numa imagem bem simplificada, basta vermos os russos no verão, no sul da Rússia, nas praias do mar Negro, de sunga e biquini, em lugar de vê-los no inverno de -30 graus, de gorro e casaco de pele. Obviamente a questão é muito mais complexa, mas o que eu quero dizer é que a relação entre as nossas culturas e línguas não se constrói apenas nas diferenças. A tradução reflete isso e, ao mesmo tempo, reforça ou refuta a ideia da distância, dependendo das escolhas feitas. Muitas vezes a diversidade está no modo de ver a própria literatura e a obra em questão.

6

Contos de Kolimá, por exemplo, pode chamar a atenção, do ponto de vista tradutório, por ser tipicamente soviético, uma vez que retrata os campos de trabalhos forçados do período stalinista. Entretanto, envolve uma contradição insolúvel relacionada à concepção de obra literária do autor.

Esse é o primeiro de seis volumes do ciclo de contos e ensaios escritos por Varlam Chalámov a respeito da própria experiência nos campos. Chalámov foi preso em 1929, por impressão clandestina de folhetos intitulados “O legado de Lênin”. Cumpriu pena de três anos de prisão. Em 1937, foi preso novamente, por atividade revolucionária trotskista. Condenado a cinco anos de trabalhos forçados, teve a pena aumentada por “manifestação antissoviética”, quando elogiou o escrito russo emigrado Ivan Bunin, ganhador do Nobel de Literatura em 1933. No total, foram quase vinte anos nos campos de trabalhos forçados, grande parte deles na região de Kolimá, no Extremo Leste da Rússia. Escritas assim, essas informações são frios dados biográficos de um destino infeliz. O objetivo de Chalámov como escritor era fazer um relato “com o próprio sangue”, examinar seu material “com a própria pele”, “com cada poro da epiderme”, “com cada nervo” e não apenas com a razão ou o coração. Para ele, quem experimentou o sofrimento na própria pele adquire o direito de narrar. Chalámov levou 20 anos, de 1953 a 1973, para terminar o seu ciclo de contos e ensaios. Como traduzir essa literatura no século XXI, sem ter esgotado as próprias forças no trabalho extenuante, em meio

à fome, ao frio de menos 50 graus, à iminência da morte? Sem ter chegado ao limite do vazio humano, quando “no interior tudo está calcinado” e reina a total indiferença pelo dia de amanhã?

4. *Tchékhov é conhecido e admirado por sua habilidade em lidar, de forma bem humorada e sagaz, com a realidade crua e ácida da natureza humana e com as questões políticas da Rússia. A natureza do escritor ajuda ou aproxima, de alguma forma, o contexto russo do brasileiro, em sua opinião?*

Tchékhov é um excelente autor para nos mostrar que a distância entre Brasil e Rússia é relativa. A linguagem, a temática e a poética tchekhoviana não são estranhas aos leitores brasileiros do século XXI. A recepção de sua obra entre nós prova isso. O que, senão a proximidade, faz com que *O alienista*, de Machado de Assis, e *A enfermaria n. 6*, de Tchékhov, sejam lidos pela crítica como textos aparentados? Aurora Bernardini, na orelha da sua tradução desse conto longo, afirma que ambas as obras, “consideradas pela crítica entre as melhores dos respectivos autores, apesar do desenlace quase oposto (e mesmo assim tão parecido), têm, entre si, coincidências surpreendentes”. Os personagens principais são dois médicos bem formados e de incomum inteligência que têm um amigo a quem confiam seus pensamentos. Ambos os médicos refletem sobre e se propõem a dar solução à questão da “alienação” humana, “da qual acabam sendo presa, consciente ou inconscientemente”. Nas duas narrativas ocorre a transformação do grotesco em ferocidade.

Os brasileiros que leem a obra de Tchékhov encontram sempre paralelos entre a realidade russa e a nossa. Nos contos curtos, publicados em revistas humorísticas da década de 1880, o autor retrata a sociedade russa da época, as relações de poder estabelecidas entre as pessoas, o modo como elas lidavam com seus sentimentos e comportamentos. Tudo isso compõe uma galeria típica do século XIX russo. Entretanto, se deixarmos de lado os nomes próprios, que às vezes nos intimidam, pela aparente dificuldade de pronúncia, e um ou outro detalhe exclusivo da época ou do local, temos personagens do nosso cotidiano. A governanta explorada pelos patrões (Iúlia Vassílievna, em “Pamonha”); o funcionário de baixo escalão que se humilha para pedir perdão a um superior hierárquico e é tratado com inicial indiferença, seguida de intensa agressividade (Ivan Dmítritch Tcherviakov, em “A morte do funcionário”); o homem do interior, que desparafusa porcas dos trilhos da estrada de ferro para fazer chumbadas de pesca e recebe sentença de prisão de um juiz que ignora as condições de vida do

réu (Denis Grigóriev, de “O malfeitor”); o inspetor de polícia que toma decisões de acordo com o grau de poder do contraventor (Otchumiellov, em “O camaleão”).

5. *Você acredita que, por ter exercido a medicina, Tchekhov conseguiu desenvolver ainda mais a sua observação do aspecto humano, trazendo maior realidade aos personagens de sua vasta obra?*

8 Acredito que sim. Muitos críticos afirmam isso e o próprio escritor mais de uma vez fez comentários a esse respeito. Em carta de 1888 ao editor Aleksei Suvórin, Tchekhov explica a sua relação com as duas profissões: “Você me aconselha a não correr atrás de duas lebres ao mesmo tempo e a deixar de lado minhas atividades médicas. Eu não sei: por que não se deve perseguir duas lebres simultaneamente, mesmo no sentido literal das palavras? Basta ter galgos. Galgos pode ser que eu não tenha (agora no sentido figurado), mas sinto-me mais disposto e mais satisfeito comigo mesmo, quando me dou conta de que tenho duas ocupações e não apenas uma... A medicina é minha esposa legítima e a literatura é a minha amante. Quando uma me cansa, eu passo a noite com a outra. Pode ser confuso, mas, em compensação, eu não me aborreço e, além do mais, nenhuma das duas sai perdendo absolutamente nada com a minha traição” (tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade em *Cartas a Suvórin – 1886-1891*). Sophia Angelides, que selecionou, organizou e traduziu cartas de Tchekhov sublinha ter sido fundamental a contribuição da medicina para a concretização da obra do autor russo e cita, de novembro de 1888, o comentário de Tchekhov sobre o seu conto “O aniversário”, que agradara às damas, das quais ele recebeu vários elogios, sobretudo em relação à descrição do parto — “Realmente, não é nada mau ser médico e entender daquilo que a gente escreve”. Em fins de 1890, Tchekhov diz não ter dúvidas de que os estudos de medicina influenciaram sua obra literária, levaram-no a considerar sempre os dados científicos, que, para Angelides, o orientam sobretudo quando “ele registra o comportamento ou perscruta a mente das personagens”.

Para a tradução, esse é um aspecto importante. Como tradutora, procuro cultivar a sensibilidade de perceber os momentos em que o olhar do médico deve ser priorizado. Seja no modo de descrever o comportamento, no uso de termos especializados, na precisão de dados e informações, no modo de olhar os personagens...

6. *O que te levou do campo da tradução profissional em São Paulo para o trabalho acadêmico como professora de língua e literatura russa na UFRGS, em Porto Alegre?*

Quando comecei o mestrado em Literatura e Cultura Russa, eu não tinha planos de seguir a carreira acadêmica. Ao terminar o doutorado, em 2011, a possibilidade de continuar as pesquisas em uma universidade e de contribuir para a formação de especialistas em russo já surgia no meu horizonte de escolhas. No Brasil, duas universidades oferecem a graduação em russo — a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em outras três, pelas informações que tenho, são oferecidas disciplinas eletivas (optativas) de língua, literatura e cultura russas — Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade de Campinas (Unicamp) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Eu participei do concurso da UFRGS e comecei a trabalhar em outubro de 2012, junto com a Tanira Castro, fundadora do Setor de Russo.

7. *O que você acha de trabalhar em parceria com outra tradutora? Como vocês organizam o trabalho?*

Eu fui formada em um grupo de pesquisadores e tradutores que tradicionalmente trabalham deste modo, em conjunto, seja em dupla ou em grupos maiores de estudantes e professores. Na área de russo, temos o exemplo de Boris Schnaiderman e os irmãos Campos, de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Algumas obras importantes publicadas por professores da USP foram traduzidas em grupo. *Os arquétipos literários*, de Eleazar Meletínski, por exemplo, em tradução de Arlete Cavaliere, Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. No livro *Tradução, ato desmedido*, Boris Schnaiderman afirma, em relação ao trabalho e convivência com os irmãos Campos, que “houve realmente uma complementariedade operativa, pudemos completar em grupo aquilo que nos faltava individualmente. E a amizade pessoal acompanhou de perto este tipo de realização.” Por outro lado, Schnaiderman destaca que a tradução em parceria não é o mais comum: “Parece-me, às vezes, incrível que nosso trabalho de grupo se tenha desenvolvido tão harmoniosamente, sem atritos de espécie alguma. Acho que na história da tradução foram poucos os casos em que isto se tornou possível, pois quase sempre surgem questões pessoais, competição, rivalidades.” Talvez, naquele momento, ele não tivesse clareza da importância de seu exemplo para os tradutores que ele ajudou a formar, pois, em nosso grupo, vejo que as parcerias não são incomuns.

Eu não tenho dificuldades em trabalhar em dupla ou em grupos maiores. Quanto à organização do trabalho, ela depende do tipo de projeto e dos motivos que levam à tradução em conjunto. Algumas vezes é pura afinidade pessoal, outras vezes questões mais objetivas, como prazos muito curtos ou a impossibilidade de um tradutor de terminar o trabalho iniciado. Quando falamos em tradução em parceria, geralmente pensamos na tradução assinada por mais de um tradutor. Junto com Graziela Schneider, traduzi o conto “O caça-ratos”, de Aleksandr Grin, para a *Nova antologia do conto russo*. Com Elena Vasilevich, os *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalámov. Com Elena Vássina, traduzi para o russo o conto “O mate do João Cardoso”, de Simões Lopes Neto, publicado na coletânea *Simões Lopes Neto para o mundo...* No entanto, não posso deixar de falar das parcerias que não aparecem nos créditos da obra traduzida. O montão de gente que me ajuda sempre, em todas as traduções, é impressionante. Na impossibilidade de citar todos, tomo como exemplo a Kátia, Ekaterina Volkova, colega, amiga, parceira “invisível” em muitos dos meus projetos de tradução, desde o início do meu mestrado, em 2001.

10

8. *O que mais você já traduziu e o que você gostaria de traduzir?*

Além dos clássicos russos (Dostoiévski, Tchékhov, Turguêniev...), traduzi obras de autores do século XX, como o romance *Propaganda monumental*, de Vladímir Voinóvitch, e o conto *O vadio Eduard*, de Valentin Katáiev. Em 2017, participei do projeto que levou à publicação de *A revolução das mulheres*, organizado por Graziela Schneider. São vários artigos, atas, panfletos e ensaios escritos por autoras russo-soviéticas sobre a emancipação e a condição das mulheres. Foi muito inspirador ver o trabalho da Graziela de leitura e seleção dos textos, o cuidado na escolha da equipe de mulheres que traduziram, prepararam e revisaram os textos.

Tudo isso me despertou o desejo de traduzir mais textos literários escritos por mulheres. E os alunos e as alunas das disciplinas de literatura russa na UFRGS têm reclamado da lista exclusivamente masculina de autores clássicos. Eles querem conhecer a literatura das mulheres, querem entender as razões que levaram ao “desaparecimento” dessas escritoras.

9. *Como você lida com a questão da retradução, você consulta outras traduções enquanto traduz?*

Sim, sempre pesquiso para saber se existem outras traduções em línguas que consigo ler. Dificilmente leio a tradução inteira primeiro, antes de traduzir. O mais comum é traduzir e

depois fazer um cotejo com outras traduções para tirar dúvidas, lapidar trechos, formar convicção a respeito de algumas soluções tradutórias, mudar outras. Para dar um exemplo mais concreto, estou fazendo isso agora com *A ilha de Sacalina* (novamente Anton Tchekhov!) que vai sair pela Editora 34 neste ano. É uma tradução iniciada muito tempo atrás. Foi a minha primeira parceria com a Elena Vasilevich. Morávamos em São Paulo na época e sentávamos juntas para ler o texto e discutir a linguagem, o vocabulário, o estilo... Depois eu escrevia sozinha o texto em português. Naquela época, comprei o *Sakhalin Island*, uma tradução de Brian Reeve, edição da One World Classics. Passado algum tempo, comprei a edição de Portugal, da Relógio D'água, *A ilha de Sacalina*, traduzida por Júlia Ferreira e José Cláudio. E, finalmente, em 2018, saiu a tradução de Rubens Figueiredo, pela Editora Todavia. Comprei também, é claro. A tradução para mim nasce desse diálogo. Em primeiro lugar com o escritor do texto russo, depois com outros tradutores, com colegas, com leitores, com amigos. Gosto muito de ver como uma mesma questão foi solucionada de modo diferente por colegas no português ou em outras línguas.

10. *Você já fez tradução indireta, de segunda mão? Poderia dar-nos exemplos?*

11

Estou fazendo agora a tradução de trechos de uma novela de Galina Keptuké (1951-2019), escritora e tradutora evenque. Ela é uma das representantes da literatura russa (pertencente à Federação Russa) escrita na língua de povos minoritários (em termos populacionais). Ela escrevia em evenque — língua do ramo tungúsico da família altaica, falada pelos evenques, povo nômade que vive no Norte da Ásia, na região fronteira da Rússia, China e Mongólia. Estou traduzindo do russo.

No Brasil, quando tiveram início a tradução e a publicação de obras da literatura russa no final do século XIX, prevaleciam as traduções indiretas do francês. Um marco da nova tendência, de predominância e valorização das traduções diretas, foi a primeira tradução direta do russo do romance *Crime e castigo*, de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1826-1881), feita por Paulo Bezerra e lançada pela Editora 34 em 2001. Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, a tradução indireta é um fenômeno comum. Segundo Gideon Touryⁱⁱⁱ, para entender esse fenômeno, devemos nos perguntar qual é o grau de tolerância de determinada sociedade, em determinado momento histórico, em relação à tradução indireta. Ela é aceita ou não? A informação de que a tradução foi feita indiretamente tem de ser fornecida ou não? Quais línguas são consideradas fontes legítimas para a tradução indireta? No Brasil, hoje, aceitaríamos, por exemplo, traduzir do russo um romance escrito em inglês?

BRANCO, Sinaia de Oliveira; MAGALHÃES, Célia Maria. Sobre a literatura russa em tradução no Brasil: Entrevista com Denise Regina de Sales. *Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-14, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n1.2021.34604>

De qualquer modo, quanto maior o número de profissionais capazes de fazer traduções diretas, maior é o poder de atuar nas decisões preliminares da tradução. Se eu tivesse condições de traduzir do evenque, poderia fazer eu mesma a seleção dos textos que considero relevantes. Como não conheço a língua, me submeto à seleção prévia feita pelos editores que estão publicando literatura evenque em russo.

11. *Como você vê a relação entre a sua atuação como professora universitária, tradutora e formadora de tradutores e tradutoras na graduação e pós-graduação?*

Até aqui falei bastante da minha formação na USP. Quando me mudei para Porto Alegre, teve início a minha formação na UFRGS. Desta vez como docente e pesquisadora. Minha atuação se dá na graduação, nas disciplinas eletivas de língua e literatura russa tanto para o bacharelado quanto para a licenciatura; na extensão, em cursos de língua e literatura para a comunidade em geral; e na pós-graduação, na orientação de trabalhos na linha Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais e na disciplina Tópicos em Tradução, que divido com Patrícia Ramos (uma disciplina que ela criou e recentemente passamos a ministrar juntas). Nesses espaços, tento compreender e definir, junto com colegas, alunos e alunas, o sentido e os modos do meu trabalho como professora e tradutora de russo em uma universidade pública brasileira no século XXI. Qual é o significado de ensinar língua, cultura e literatura russas no Brasil de hoje? O que a formação acadêmica pode oferecer a quem almeja ser tradutor profissional ou pesquisador da área da tradução?

Ao mesmo tempo, a interdisciplinaridade da tradução me permite diversificar o campo de atuação. Quando surgiu a ideia do pós-doutorado, pensei logo na supervisão da Célia Magalhães para desenvolver uma análise das traduções dos contos curtos de Anton Tchekhov, com foco no estudo linguístico, na interface com os Estudos da Tradução. O trabalho teve o objetivo de investigar a valoração em contos selecionados e em suas traduções para o português publicadas em três coletâneas brasileiras. Na disciplina conjunta O Discurso na Literatura Russa Traduzida: A Expressão de Sentimentos nos contos de Tchekhov, tive a oportunidade de reavaliar em sala de aula, junto com a Célia e as alunas, a identificação e análise dos itens da valoração, ou seja, dos recursos linguísticos que expressam atitudes e relações de poder, em especial emoções e sentimentos positivos ou negativos.

12. *Como você vê o panorama dos estudos da tradução na UFRGS? Há tradutores e tradutoras formados na universidade? Sendo professora da graduação e pós-graduação da UFRGS, como você vê a UFRGS no cenário da tradução?*

A UFRGS forma tradutores e tradutoras em alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, japonês e Libras. O bacharelado em tradução é um dos mais antigos do país, o primeiro em nossas universidades públicas. Houve uma reforma de currículo recente, implementada em 2012 e conduzida, principalmente, pelas colegas e amigas Cleci Regina Bevilacqua e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Nesse contexto, refletimos sobre a formação de tradutores em termos de competências e habilidades específicas, levando em conta o mercado de trabalho, mas sem perder de vista o papel do profissional na garantia da diversidade linguística e cultural e na realização de trocas culturais mais igualitárias.

Um levantamento realizado por outras duas colegas e amigas, Márcia Moura da Silva e Sandra Dias Loguércio, intitulado “Estudo exploratório: Que temas são traduzidos e/ou pesquisados em curso de tradução no Brasil?”, mostra que, de 2016, quando o currículo novo passou a exigir a elaboração de TCCs, a 2018, foram defendidos 86 trabalhos. Trinta e sete deles da área do inglês, pois esta é a língua de maior demanda no curso; nove do japonês; oito do alemão; seis do francês; cinco do espanhol; quatro do russo (embora ainda não exista a ênfase em russo); e dois do italiano. As temáticas são variadas e, segundo as autoras, precisamos lembrar que “temas ou autores escolhidos para serem traduzidos ou pesquisados por alunos ao final da Graduação são indicativos, certamente, de suas preferências, mas também da tomada de consciência de sua relação com as demais questões atinentes à sociedade de maneira mais ampla e às narrativas que estão em disputa em determinado tempo-espço.” Na pós-graduação, pesquisadores e pesquisadoras da área da tradução desenvolvem seus trabalhos em várias linhas das duas áreas — Estudos da Linguagem e Estudos de Literatura — que compõem o programa. “A pesquisa em tradução na UFRGS: da graduação à pós-graduação – percurso e perspectivas”, levantamento feito por Cleci Bevilacqua, identificou 105 dissertações e teses com temáticas da tradução defendidas de 2000 a 2019. Entre os professores orientadores desses trabalhos, tenho maior convivência e troca de experiências com Andrei Cunha, Gerson Neumann, Karina Lucena e Leonardo Antunes. A relação entre graduação, extensão e pós-graduação é fomentada pelo Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET), que reúne 35 docentes e pesquisadores e oferece formação continuada por meio de oficinas, palestras, mesas-redondas, cursos-livres e a Semana de Estudos de Tradução, que acontece anualmente desde 2015.

13. *Que conselhos você daria para os jovens que se iniciam na tradução hoje, em especial àqueles que pensam em traduzir literatura russa?*

Traduzam... Traduzam sempre, por escolha própria, a pedido de amigos, a trabalho. Leiam textos traduzidos e reflitam sobre o fazer tradutório, busquem informações e contato com tradutores mais experientes. Estejam abertos a novos conhecimentos e conscientes do papel que querem desempenhar em nossa sociedade.

14. *Finalmente, qual foi o trabalho que você mais gostou de traduzir até agora?*

Eu estou gostando muito de traduzir a literatura de Galina Keptuké. Em primeiro lugar, há esse contato, mesmo que indireto, com a ficção de um povo do qual praticamente não temos notícia no Brasil. Em segundo lugar, percebo que é possível estabelecer relações muito diretas entre a prosa de Keptuké e a literatura indígena brasileira. Através de Galina Keptuké, por causa dela, comecei a ler autores brasileiros como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Auritha Tabajara... A ida ao outro me trouxe de volta pra casa.

ⁱ Denise Regina de Sales – Professora de língua e literatura russas no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora nessa mesma universidade no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), com pesquisas sobre Literatura Russa, Tradução e Terminologia. Realizou estágio de pós-doutorado (2020) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora (2011) e mestre (2006) em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (1987) pela UFMG. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5095-6340/print>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/3357498439335514>

E-mail: denise.sales@ufrgs.br

ⁱⁱ Wood, J. (2017). *Como funciona a ficção* (D. Bottmann, Trad.). Editora SESI-SP.

ⁱⁱⁱ Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and beyond*. John Benjamins.